

**A RELIGIÃO E A POLÍTICA
NO DISCURSO DE CÍCERO
DE HARUSPICUM RESPONSIS**

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

lulicarpinetti@uol.com.br

Lara Barreto Corrêa (UFJF)

INTRODUÇÃO

Aqui será relatado o esquema dos eventos que conduzem desde o exílio de Cícero e até seu retorno, contexto no qual se insere o discurso *De Haruspicum Responsis*.

Em 62, no ano seguinte do consulado de Cícero, Pompeu retornou do Oriente e em 61 celebrou seu triunfo. Tratado friamente por um Senado desconfiado e desdenhando a aliar-se ao Partido Popular, que tinha sido desacreditado pelos esquemas revolucionários de Catilina, ele se retirou para a inatividade. No ano seguinte, César retornou da Espanha, e renunciando ao triunfo que lhe era devido, foi eleito cônsul para o ano de 59, como líder reconhecido dos democratas. Vislumbrando o rebaixamento do Senado uma coalizão informal – geralmente conhecida como o primeiro Triunvirato – foi formada por César, Pompeu e Crasso; Cícero foi questionado em relação a sua atitude, mas se recusou a se desvincular da causa

LIVRO DOS MINICURSOS

conservadora. César tendo passado medidas para a satisfação dos veteranos de Pompeu, fazendo acordos para compactar, e para o seu próprio posto de comando na Gália por cinco anos, deixou Roma para suas legiões em 58, deixando seu capataz, o dissoluto e anárquico Clódio, para velar pelos seus interesses na cidade. O primeiro objetivo de Clódio foi afastar Cícero, cuja atitude descomprometida era uma ameaça constante para o Triunvirato. Ele promulgou um decreto, pronunciando sentença de banimento contra alguém que condenou um cidadão romano à morte sem julgamento. A referência à execução dos companheiros e conspiradores de Catilina era óbvia; Cícero inclinou-se à tempestade e deixou Roma. Um decreto posterior foi então promulgado, no qual o nome de Cícero foi introduzido, banindo-o para centenas de milhas de Roma e ordenando que sua casa no Palatino fosse destruída. Cícero retirou-se para Tessalônica na Macedônia.

Entrementes a arrogância e a turbulência de Clódio estavam alienando Pompeu e exasperando o Senado. Os esforços foram feitos pelos seus companheiros tribunos para tomar medidas para a reconvocação de Cícero, mas as gangues de rufiões de Clódio frustraram todas as tentativas na legislação. Finalmente em meados de 57, o Senado convocou os eleitores do Campo para estarem presentes em uma assembleia obrigatória e em 4 de agosto uma nota para a restauração foi promulgada. Ele entrou em Roma em triunfo em 4 de setembro. No dia seguinte ele retribuiu agradecimentos ao Senado por sua restauração, no discurso que é muito provavelmente (porque foi objeto de dúvida) aquele que chegou até nós. Dois dias depois ele agradeceu ao povo num encontro de multidão.

Mas nesse ínterim Cícero não encarava sua restauração como completa. Em sua ausência, Clódio deitou abaixo sua casa no Palatino, consagrou o local e erigiu ali então um monumento à liberdade, esperando por isso colocá-lo a salvo da reintegração de posse por de seu proprietário. No fim de se-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tembro, Cícero apelou ao Senado para declarar a consagração nula e inexistente, e sobre a questão sendo relatada pelo Senado ao colégio dos Pontífices, o corpo em cuja alçada repousam as decisões em matéria de religião pública, o orador estabeleceu seu caso diante deles “elaboradamente” (Cícero, *Ad Atticum* IV: 2) no discurso *De Domo Sua*. Os pontífices deram um mandado em favor de Cícero, o Senado promulgou um decreto para a restituição no devido modo, e a casa foi reconstruída, apesar dos esforços de Clódio para intimidar os trabalhadores.

O agitador irreprimível, advertido todo o tempo, não perdeu nenhuma oportunidade de perturbar Cícero. No começo do ano de 56, diziam que sons estranhos foram ouvidos nos arredores da cidade e o Senado decretou que arúspices seriam convocados da Etrúria para interpretar o prodígio. Os arúspices replicaram que os sons eram uma intimidação da ira dos deuses quanto à celebração negligente dos jogos; a profanação dos lugares sagrados, o assassinato dos políticos e a violação dos juramentos. Clódio que era um edil neste ano, afirmou que a profanação alegada por ter sido cometida consistia na reocupação por Cícero de sua casa. Cícero no discurso que nós possuímos, proferido diante do Senado (*De Haruspicum Responsis*), replicou a injúria sobre seu agressor, revidando sobre Clódio a responsabilidade por todas as ofensas que foram ditas terem sido ocasionadas pelo prodígio.

ASPECTOS RELIGIOSOS E POLÍTICOS

Aspectos religiosos

Esta é a diferença entre nós e os etruscos: nós pensamos que os raios são produzidos como resultado do choque das nuvens; já os arúspices sustentam encontrarem-se as nuvens para que se possam produzir raios e, de fato, visto que atribuem tudo à divindade, estão convencidos de que as coisas têm um

LIVRO DOS MINICURSOS

significado não porque acontecem, mas que acontecem enquanto são portadoras de significados.

O escritor latino Sêneca tenta assim explicar o profundo sentido religioso dos etruscos. Na Antiguidade, esses tiveram a fama de um povo respeitoso e particularmente inclinado à interpretação das indicações divinas. Os sacerdotes-magos dos etruscos eram os arúspices; socialmente considerados, eram encaminhados às artes divinatórias desde a mais tenra juventude, e provinham na maior parte das vezes das grandes famílias aristocráticas.

A observação dos raios, o voo dos pássaros e o exame das vísceras dos animais sacrificados eram as práticas mais utilizadas para interpretar a vontade dos deuses. Os romanos acabaram dependendo dos arúspices mais ou menos como os etruscos. Existiu um arúspice chamado Espurina que alertou a César com a famosa frase: “Fique atento aos idos de março” e sempre um arúspice, depois de ter perfurado o ventre de um animal, tê-lo privado de coração, o intimou para que ficasse em casa em que Bruto tê-lo-ia golpeado.

O poeta e político latino Sílio Itálico dá conta muito bem do espírito destes ritos que eram observados em uma caverna manchada de sangue entre os assobios e o lamento dos espíritos, em uma cena em que o comandante Aníbal consulta um arúspice antes de declarar guerra a Roma. Chegou até nós o instrumento de trabalho do arúspice, o pequeno exemplar de bronze de um fígado ovino, dividido em cortes, cada um dos quais com o nome da divindade que o governava.

Cícero, no tratado *De Divinatione* (Tratado da Adivinhação), enquanto estóico retrata a adivinhação em seus aspectos contraditórios e duvidosos, afirmando que a adivinhação é uma atividade do campo do insondável, apesar de ser uma espécie de necessidade que as pessoas têm de adiantar o que lhes vai acontecer. Em todo Tratado ele fala dos sonhos e suas in-

interpretações, dos auspícios e das atividades dos arúspices, além de relatar casos e situações envolvendo pessoas e acontecimentos marcantes da história.

A argumentação que coloca em dúvida a validade da adivinhação é aquela pela qual Cícero acredita que se se recorre à adivinhação o que havia sido traçado pelo destino acaba sendo posto em cheque pelo acaso da adivinhação; pela suposta imprecisão da adivinhação, uma vez que cada adivinho pode deduzir um presságio diferentemente de outro; e torna-se difícil saber o que determina a leitura dos adivinho através do exame das vísceras uma vez que nunca se vão saber os critérios que nortearam tal leitura.

Cícero arrola muitos exemplos de pessoas famosas que recorreram a tais práticas, mas em tudo tem uma posição bastante cética em relação à adivinhação, acreditando que ela não suplanta a sua conduta estoica que valoriza a autodeterminação, a constância e a crença no destino, em tudo isso não acreditando no sentido de valorizar o que os adivinhos teriam a dizer em determinada encruzilhada da existência.

Tipos de adivinhação

Auspícios: seria a observação do voo e do canto das aves.

Interpretação dos sonhos: O tratado *De Divinatione* dá um especial relevo a interpretação dos sonhos como uma forma de premonição quanto aos acontecimentos futuros. Citando, por exemplo, o caso de César que sonhara dias antes de seu assassinato com imagens que apontavam para o seu fim iminente.

Segundo o dicionário enciclopédico Lello Universal, os áugures e os arúspices formavam uma importante corporação, nada de grave se fazia sem que eles fossem previamente con-

LIVRO DOS MINICURSOS

sultados. Um áugure podia impedir uma deliberação pública sobre o pretexto de que os presságios não eram favoráveis. Os áugures tinham como insígnia principal da sua função, um bastão recurvado, o *lituus*, que lhes servia para delimitar o *templum* ou parte do céu no qual observavam os presságios. A fé nestas supersticiosas previsões foi depressa abalada. Conhece-se o procedimento de Clódio Pulcro, que, descontente com os seus presságios, mandou lançar ao mar os frangos sagrados, dizendo que os fizessem beber, já que não queriam comer. Cação e depois dele Cícero asseguravam que dois áugures (falavam dos áugures privados) não podiam olhar-se sem ri. Também Aníbal tinha razão de zombar do Rei Prúsias que julgava mais útil consultar as entranhas de uma bezerra do que seus mais hábeis generais.

Auspícios: termo genérico que designava entre os romanos os diversos presságios que se tiravam no geral do voo e do canto das aves e da maneira como elas comiam. Quem fazia a observação era designado como áuspice ou áugure.

Arúspices: sacerdote romano que fazia prognósticos consultando as entranhas das vítimas oferecidas em sacrifícios. Os arúspices eram de origem etrusca. Rômulo estabeleceu em Roma os três primeiros. Pouco a pouco prosperaram a ponto de forma uma verdadeira ordem. Além do exame das entranhas das vítimas, tinham a seu cargo interpretar os tremores de terra, relâmpagos, eclipses e etc. O termo aruspicina ou aruspicação é arte dos arúspices.

Aspectos políticos

Marco Túlio Cícero

Segundo a enciclopédia *Larousse du XXe siècle*, *Marcus Tullius Cícero* político, orador e escritor latino. Nascido em Arpino, em 106 a.C. e morto em Fórmias em 43 a.C., nasceu de uma família de ordem equestre, mas obscura. Depois de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

brilhantes estudos feitos sobre direção do grande orador Crasso e do jurisconsulto M. Cévola, ele participou da Guerra Social e sob Sila de uma campanha contra os Marsos. Depois em Roma seguiu lições do rétor Molão e do acadêmico Filão. Aos 26 anos, ele iniciou-se no fórum advogando contra um favorito de Sila (*Pro Quinctio*). No ano seguinte, ele se encarregou da defesa perigosa de Sexto Róscio Amerino, ano 80 a.C., acusado de parricídio por Crisógono, favorito de Sila. O sucesso foi total; mas ao final de um ano, a fim de se fazer esquecer do terrível ditador Cícero deixou Roma para ir à Atenas, Rodes e Ásia; ele completou sua educação oratória (79-77 a.C.). Tendo voltado a Roma, ele defendeu o comediante Róscio, e aos 30 anos abordou a carreira da honras. A questura lhe abriu o Senado (75 a.C.), ele ocupou o seu cargo na Sicília durante uma carestia e comprometia o abastecimento de Roma e ele cumpriu a sua tarefa com habilidade, merecendo a afeição dos Sicilianos. Também este povo infeliz, arrasado por Verres, se voltou para ele para lhe pedir justiça (70 A.C.). Cícero obteve ganho de causa, este sucesso lhe tinha conciliado o favor de Pompeu, César e Crasso. Edil em 72A. C., Cícero tornou-se popular; mas ele procurava particularmente a amizade de Pompeu e tendo se tornado pretor (66 a.C.), ele contribuía para dar ao chefe do partido senatorial a conduta da guerra contra Mitridates. Primeiramente ligado com Catilina, ele disputou com ele o consulado. O termo do conspirador e apóio de Pompeu lhe fizeram com que lhe fosse concedido por aclamação (63 a.C.). Ele se separa dos demagogos, conduzidos por Catilina, que ele obriga a deixar Roma e condena a morte seus cúmplices, sem se reportar ao povo. Cícero foi proclamado Pai da Pátria; mas sua vaidade excessiva, suas ironias ao se dirigir aos adversários e mesmo aos seus amigos, começaram a desacreditá-lo. Pompeu, César e Crasso, temendo-o começaram a miná-lo surdamente e ele encontrou no tribuno Clódio um inimigo ferrenho. Clódio obrigou Cícero a se exilar (58 a.C.). Reconvocado no final de 18 meses (agosto de 57 a.C.) e tor-

LIVRO DOS MINICURSOS

nando-se prudente, Cícero entre as perturbações, que excitava a rivalidade de Clódio e de Milão, apegou-se estreitamente a Pompeu e, durante alguns anos, se consagrou a trabalhos literários, sem que ele cessasse de advogar. Aos 54 anos, ele foi recebido no Colégio dos Áugures (53 a.C.). Milão ao matar Clódio, livrou-o do seu pior inimigo. E Cícero defendeu o assassino; mas a presença dos soldados e tumulto da multidão perturbaram-no e Milão foi condenado. Nomeado governador da Cilícia, Cícero administrou bem a sua província, e uma pequena expedição contra os Partas, lhe valeu o título de *Imperator* (51-50 a.C.).

Ao voltar, a ruptura entre César e Pompeu tinha entregado Roma a Guerra Civil. Depois de muitas hesitações, ele se decidiu a favor de Pompeu. Quando este tinha sido derrotado na Farsália (48 a.C.), Cícero obteve o perdão de César, mas se retirou da vida política para escrever todos os seus tratados de retórica e filosofia. Foi então que ele repudiou *Terentia* para desposar uma jovem muito rica, e que ele compôs o elogio de Catão ao qual César respondeu com o Anti-Catão. O perdão concedido a *Marcellus*, decidiu seu consenso, marcado pela arenga *Pro Marcello*. A perda de sua filha *Tullia*, desesperou-o; mas a morte do ditador (44a.c.) lançou de volta à roda viva. E viram-no aplaudir ao assassinato daquele que ele acabara de exaltar.

Quando Antônio se colocou como sucessor de César ele escreveu contra ele suas imortais Filípicas e elevou contra ele o jovem Otávio, que ele não temia ainda, mas quando Antônio, Otávio e Lépido formaram o Triunvirato, a cabeça de Cícero foi o penhor que Antônio exigiu de Otávio. Repellido pelos ventos, Cícero não pode deixar Itália e retirou-se em sua casa de campo em Fórmias. É lá que os soldados dos Triúnviros surpreenderam-no e que ele morreu com a mais admirada firmeza, 7 de dezembro de 43 a.C. Sua cabeça foi por ordem de Antônio exposta na Tribuna das Arengas.

Públio Clódio Pulcro

Públio Clódio Pulcro, de origem patricia, mas passado *ad plebem* com o aval de César (na qualidade de pontífice máximo). Ele tem como único objetivo de poder ser eleito tribuno da plebe, era o protótipo do agitador sem princípios, um perfeito produto da degeneração parasitária da luta social na capital do império. Ele despontou como instigador das tropas de Lúculo no Oriente, depois como acusador de Catilina, já que era seu simpatizante.

O fato mais significativo de sua carreira, antes da eleição ao tribunato, foi a aventura galante, abortada na casa de César, recém-eleito pontífice máximo, no dia da Festa da Bona Dea, no ano 62. Plutarco afirma que Clódio visava a um encontro clandestino com Pompeia, na época mulher de César, contando com o fato de que a festa da Bona Dea seria, segundo o rito, celebrado na casa do pontífice máximo, mas com a ausência de todos os elementos masculinos da casa, inclusive o pontífice.

César voltou a Roma após um ano de ausência, para travar a batalha eleitoral para o consulado, na primavera de 60, batalha vencida sob o signo da aliança triunviral. Clódio com seus homens era só um dos peões, mas agora já à margem, vistas as novas alianças. Como ele tinha um peso como agitador e, portanto, não era oportuno tê-lo como adversário (César bem o quando a seu tempo testemunhara no processo).

Clódio aspirava ao tribuno da plebe, e para tal fim era necessária a passagem formal (através de adoção) para uma família plebeia – *transitio ad plebem* era condição indispensável. Todos, aliás, sabiam que esse seu projeto, se coroado de êxito, iria ter consequências em vários níveis; entre outros, no nível das relações de violenta rivalidade pessoal entre Clódio e Cícero (restos a pagar pelo envenenado processo do escândalo da Bona Dea).

LIVRO DOS MINICURSOS

Segundo Suetônio foi uma imprudente crítica pública de Cícero que levou César, em represália, a realizar finalmente a *transitio ad plebem* de Clódio. O ataque à política de César, Cícero o havia feito no curso de um processo em que defendia seu ex-colega de consulado Caio-Antônio.

Mal tomou posse no cargo de tribuno da plebe, em 10 de dezembro, Clódio, em pouquíssimos dias – quando César já estava deixando o cargo e se aprestava para o absorvente governo provincial –, preparou uma série de medidas de agrupadas em quatro leis (*leges Clodiae*) que pareciam concebidas na esteira política de César (uma delas sancionava a gratuidade das distribuições de trigo aos indigentes, outra proibia aos altos magistrados observar os sinais celestes nos dias de comício etc.), e uma quinta, poucos dias mais tardes, janeiro de 58, que golpeava diretamente Cícero sem nomeá-lo: “quem tiver provocado a morte de um cidadão romano sem condenação regular, seja exilado”.

Cícero acabou por se encontrar em posição de abandono, sem proteção contra as vinganças de Clódio. A discussão sobre a lei Clódia foi um acontecimento memorável; processou-se no Campo de Marte, fora do pomério, para ensejar também a César a possibilidade de participar sem se ver forçado a renunciar aos poderes proconsulares. O tema era os direitos fundamentais dos cidadãos; a lei Clódia era vista como um desenvolvimento e uma integração das *leges de prouocatione*; seu alvo era o chamado *senatus-consultum ultimum*, aquela medida extrema pela qual o Senado se arrogava o direito de identificar a cada caso o “inimigo externo” e de golpeá-lo sem estar submetido a lei, depois de tê-lo declarado exatamente fora da lei. Os *populares* jamais tinham aceitado que o Senado dispusesse dessa temível prerrogativa.

A implicação concreta era que a condenação à morte os chefes catilinários, avalizado pelo Senado e cumprida por Cícero cônsul, em dezembro e 63, devia ser considerada um ato

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ilegal porque perpetrada sem permitir aos imputados, *ipso facto* também condenados, apelar ao povo (*prouocatio*). Cícero preferiu partir para o exílio, enquanto uma medida posterior de Clódio sancionava o confisco de todas as propriedades do exilado (que se via obrigado a manter-se a pelo menos 500 milhas longe de Omã).

Clódio assistiu pessoalmente ao incêndio da casa de Cícero no Palatino.

A ajuda que César concedeu a Clódio durante o ano de seu consulado e logo a seguir não nos deve levar ao diagnóstico simplificador de que Clódio fosse seu instrumento. Clódio tinha um séquito subproletário e de escravos por ele atraídos, mas obviamente a ele subalternos, o que o colocava em condições de desenvolver uma política própria demagógica, não isenta de habilidade. Mas, precisamente, uma política sua.

Uma política *sui generis* porque baseada na novidade desconcertante do emprego explícito de bandos armados como elemento de pressão e de terrorismo.

Quando depois de 18 meses, Cícero, graças a Pompeu, retornou de seu exílio grego, grandes manifestações populares na Itália o acolheram (verão 57), uma evidente demonstração da impopularidade de Clódio junto a esses grupos mobilizados para manifestar júbilo pelo retorno da “vítima” da militância ativista de Clódio.

Até o caso da tentativa frustrada de impedir Cícero de reconstruir sua casa no Palatino sofreu reação hostil e revelou a fraqueza de Clódio, agora já o enfrentava um esquadrão de bandeira oposta comandado por aquele Tito Ânio Milão que posteriormente será o seu assassino.

As fontes (quase só Cícero) apresentam evidentemente de Clódio apenas a imagem de um criminoso e, sobretudo pouco crível sobre o que mais gostaríamos de conhecer: seu programa. Quando Cícero descreve o que teria feito Clódio

LIVRO DOS MINICURSOS

quando chegasse à pretura, podemos estar certos de que se trata de uma caricatura de Catilina desvinculada da realidade.

O séquito de Clódio era compósito: subproletários sem ocupação definida, mercenários da luta de rua, escravos atraídos com promessas que não iam além do benefício *ad personam*, gladiadores. Com um tal séquito podia certamente influenciar a política cidadina e talvez também em determinada casos controlar a ação dos potentados. Não podia, porém, ir longe e estava predestinado a ser “apeado” de todos os alinhamentos.

Com sua agressiva presença na cena política da capital, chega ao ponto extremo e se concretiza aquela degeneração parasitária do proletariado urbano da cidade de Roma, que é a premissa não secundária da decisão de César de desvincular-se da política tradicional *popularis* e de sua dinâmica. Quando as classes se decompõem na incapacidade não só de assumir uma função diretiva como também de adaptar-se à hegemonia de outros grupos, afloram fenômenos de parasitismo cego e de liderança de ação violenta que desqualificam frequentemente por um tempo às vezes longo demais, a tradição democrática.

Observação: os aspectos textuais serão discutidos no próprio mini-curso, quando apresentaremos a tradução e os respectivos aspectos políticos e religiosos.

BIBLIOGRAFIA

BAYET, J. *La religion romaine*. Paris: Payot, 1999.

CANFORA, L. *Júlio César: o ditador democrático*. Trad. de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

Cícero, M. T. De la adivinación. **In:** *Obras completas de Marco Tulio Cicerón*. Tomo V. Versión castellana de D. Marcelli-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

no Menéndez y Pelayo. Madrid: Librería de Perlado, Paez y Cia., 1912.

———. *Discours*. Tome XIII, 2^a Sur la réponse des Haruspices. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier et Anne-Marie Tupet. Paris: Les Belles-Lettres, 1966.

———. *Orations*. Pro Archia, Post Reditum in Senatu, De domo sua, de Haruspicum responsis, Pro Plancio. With an English Translation by N. H. Watts. Cambridge, London: Harvard University Press, 1923.

COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Trad.: Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

COULANGES, F. *A cidade antiga*. Estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: Hemus, 1975.

ERNOUT, A. e MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 2001.

GIARDINA, A. *O homem romano*. Trad. de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1992.

LAROUSSE du XX^e siècle en six volumes. Publié par Paul Augé. Paris: Librairie Larousse, 1932.

LELLO universal. *Dicionário enciclopédico luso-brasileiro em 4 volumes*. Organizado e publicado por José Lello e Edgar Lello. Porto: Lello & Irmão, [s.d.].

LEWIS, C. e SHORT, C. *A latin dictionary*. Oxford: OUP, 2002.

MAFFII, M. *Cicerone e il suo dramma político*. Milão: Arnoldo Mondadori, 1933.

TAYLOR, L.R. *Party politics in the age of Caesar*. Berkeley: University of California Press, 1949.